

A palavra perdida, de Inês Fonseca Santos e Marta Madureira (Arranha-Céus, 2014)

Ana Margarida Ramos

anamargarida@ua.pt

Universidade de Aveiro

dobra

Os livros escrevem-se com as palavras, mais do que com as ideias, e as palavras – essa matéria prima dos escritores e dos poetas – continuam a revelar-se inesgotável e irrepetível fonte de inspiração. Ora nessa medida, a palavra torna-se o grande tema da literatura, incluindo a literatura para crianças, pondo assim em evidência o seu carácter autorreflexivo, metalinguístico, ensimesmado mesmo. Textos sobre as palavras constituem um *corpus* interessante e muito rico em termos de possibilidades de leitura, uma espécie de indagação pessoal, mais ou menos íntima, sobre a matéria da criação literária. De cariz mais ou menos lúdico, mais ou menos introspectivo, às vezes mesmo filosófico, ontológico e metaliterário, as propostas literárias em torno da palavra ou das palavras constituem sempre exercícios de reflexão sobre a capacidade criadora da palavra, uma espécie de fantástico “abre-te Sésamo”, quando nomear é o mesmo que criar e inventar.

No caso de *A Palavra Perdida*, livro distinguido com o Prémio SPA para melhor livro infantojuvenil, as fronteiras entre o livro e o jogo são ténues, mas também as fronteiras entre o texto narrativo e o texto lírico. O volume de Inês Fonseca Santos e Marta Madureira escapa a classificações óbvias e lineares, mas também a leituras unívocas. E, no entanto, é possível ler o livro de distintas formas e com diferentes resultados também.

Podemos ler o livro à procura da palavra perdida e achá-la com ajuda de uma espécie de código alfanumérico construído pela ilustradora, decifrando o enigma da misteriosa palavra perdida e, afinal, escondida, ou podemos lê-lo como uma narrativa de cariz intimista sobre a relação do sujeito-narrador com as palavras e, implicitamente, com o mundo que elas nomeiam e o rodeia. Mas também podemos ler o livro como uma espécie de ode à palavra, tributo ao seu potenciador criador, génese de toda a literatura. Nesta última leitura, não podemos passar ao lado das alusões ao poeta Manuel António Pina – e que melhor lugar do que este onde nos encontramos para honrar a sua memória –

presentes não só na dedicatória, mas na personagem principal e no próprio título do livro, uma espécie de prolongamento do volume da sua poesia reunida, justamente intitulada *Todas as palavras*. Aliás, poemas do seu volume inaugural – como «Palavras não» e «Palavras» – aludem a esta sugestão de perda que aqui se torna em centro da história.

As ilustrações de Marta Madureira procuram recriar visualmente esse exercício de exploração das potencialidades da linguagem, indagando e manipulando formas, volumes, grafismos e brincando com eles e com os seus significados.

Sublinhe-se, igualmente, a vertente lírica de um texto cuja poesia resulta da relação da personagem com a palavra perdida (e com todas as outras que não perdeu), uma espécie de arte poética potencial. A palavra perdida torna-se o centro das preocupações de um sujeito para quem as palavras e as coisas se confundem, porque os limites das palavras e das coisas são também indefinidos. Em primeiro lugar, as palavras têm consistência, são coisas, matéria com peso, massa, volume, passível de guardar em bolsos. Depois, as palavras têm funções, poderes, realizam coisas. Finalmente, as palavras têm vida, desejos, autonomia, singularidade.

A descoberta do valor das palavras, do seu lugar, da falta que a sua ausência provoca, corresponde também a um percurso de construção identitária, onde se descobre o sujeito – Manuel – e os outros, nomeadamente os primos. Mais uma vez, são as palavras – sob a forma dos nomes próprios – que os nomeiam e distinguem, dando-lhes existência e, depois, individualidade. Uma vez nomeada, cada uma das personagens constitui-se como um ser distinto dos outros, e, por isso, as palavras também são uma espécie de divindades criadoras, gerando as coisas que nomeiam e, nesse processo, tornando-as diferentes de tudo o que existe.

Possivelmente, procurar palavras, principalmente as perdidas, é uma espécie de missão, verdadeira demanda dos poetas, mesmo os que têm bolsos fundos para as guardar e caminham de pés bem assentes no ar, de modo a preencherem os espaços em branco que a sua ausência deixa, mas que os livros, belos como este, vão ajudando a preencher.